

CINEMA NAS ESTANTES

O circuito literário-cinematográfico brasileiro contemporâneo

A partir dos anos 1990, o campo da publicação de livros sobre cinema no Brasil conheceu um avanço considerável. De lá para cá, produziu-se um número extraordinário de ensaios e biografias, de textos de análise fílmica ou historiográfica, em proporções inéditas. O volume de traduções também aumentou, indicando um esforço de atualização em grande parte sustentado pelo meio acadêmico, diretamente interessado nesse processo. Autores como Jacques Aumont, Robert Stam, Michel Marie, Philippe Dubois, Serge Daney, Bill Nichols, Michel Chion, Noël Carroll, Dudley Andrew, Antoine de Baecque e David Bordwell, entre outros, encontram boa acolhida – embora tardia – junto ao público especializado. Diante desse quadro, vale perguntar: estamos vivendo um momento privilegiado em termos de “cultura cinematográfica”?

Sim e não: apesar dos avanços mencionados, é inegável o imenso atraso em que ainda se encontra nosso mercado editorial frente ao que se publica sobre cinema mundo afora. Só para ficarmos no terreno que nos interessa aqui – a edição de livros sobre cinema brasileiro –, é difícil entender, por exemplo, por que um texto fundamental como *The film industry in Brazil*, de Randal Johnson, publicado em 1987 pela Universidade de Pittsburgh e disponível no site da instituição (digital.library.pitt.edu), permanece desprezado pelos nossos editores. Por outro lado, embora se publique hoje muito mais sobre o cinema brasileiro, uma parte expressiva desses livros encontra uma circulação muito restrita, às vezes quase inexistente. Visto de perto, o cenário não inspira tanta euforia.

Algumas editoras (Annablume, Azougue, Cosac Naify, Papius, Senac e Sulina, entre outras) se preocupam em desenvolver um trabalho consistente de divulgação de



novos autores e de atualização bibliográfica, incluindo necessárias reedições de textos clássicos sobre o assunto – como exemplos, a Coleção Glauberiana da Cosac Naify, que trouxe de volta *Revisão crítica do cinema brasileiro* e *Revolução do Cinema Novo*, livros há muito esgotados, e o relançamento pelo Senac de *Cinema, televisão e publicidade*, de José Mário Ortiz Ramos. São frequentes as parcerias com editoras universitárias e os financiamentos oficiais, até porque, em muitos casos, os autores pertencem à academia e a maior parte do que se publica acaba mesmo se destinando aos cursos de cinema e audiovisual. Não por acaso, essas publicações refletem o movimento de revisão historiográfica desenvolvida a partir da década de 1990 no âmbito universitário, justamente quando o governo Collor dismantela a estrutura institucional da cultura e reduz a produção cinematográfica a quase zero.

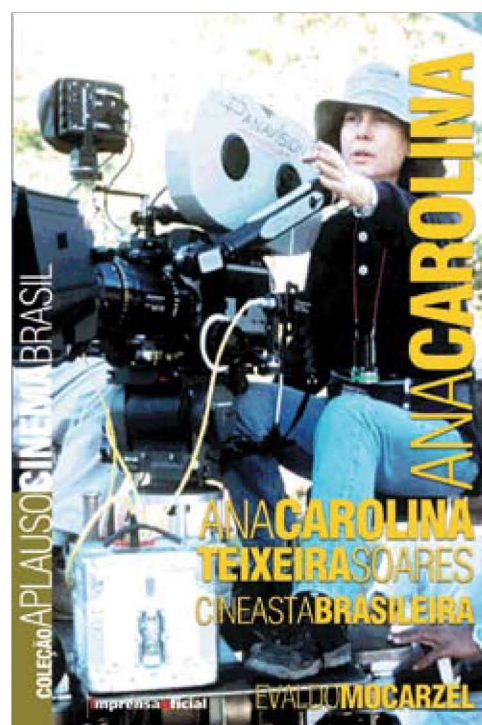
Um marco desse processo é *Historiografia clássica do cinema brasileiro* (1993), no qual Jean-Claude Bernardet critica a metodologia e os recortes efetuados por Paulo Emilio Salles Gomes e Alex Viany nos textos históricos que eles escreveram ao longo dos anos 1950-60. Longe de ser uma unanimidade, o livro de Bernardet desagradou a muitos pelas análises polêmicas (incluindo a que questionava a validade da disciplina Cinema Brasileiro), mas também abriu caminho para uma série de outros trabalhos igualmente questionadores dos “mitos” forjados pela história tradicional. Inserem-se nesse conjunto títulos como *Alex Viany: crítico e historiador* (Arthur Autran, 2003); *Imagens do passado* (José Inacio de Melo Souza, 2004); *O som no cinema brasileiro* (Fernando Moraes da Costa, 2008); e *Viagem ao cinema silencioso do Brasil* (org. Samuel Paiva e Sheila Schvarzman, 2011), este último já resenhado por Carlos Alberto Mattos no número 56 da **Filme Cultura**. Aprópria reedição revista e ampliada de outro importante ensaio de Bernardet, *Cinema brasileiro: propostas para uma história* (coeditada por Arthur Autran, 2009), é fruto desse contexto. O que não deixa de ser irônico, já que o livro, originalmente lançado pela Paz e Terra em 1979, na verdade antecipava muitas das questões que a partir dos anos 1990 seriam retomadas pelos estudiosos.

Esses textos de reflexão historiográfica fazem par com os livros de referência, fontes imprescindíveis de consulta. Muitos dos autores empenhados em repensar as narrativas acerca da história do cinema brasileiro também contribuem para o levantamento e a disponibilização de dados. Essas duas atividades, aliás, sempre estiveram juntas, desde Adhemar Gonzaga, Pedro Lima e Pery Ribas (historiadores-colecionadores) até Francisco Silva Nobre e Alex Viany, este último responsável pelo primeiro grande levantamento filmográfico publicado, o apêndice de *Introdução ao cinema brasileiro* (1959). Após as filmografias estabelecidas por Araken Campos Pereira Júnior – uma das principais fontes da atual base de dados da Cinemateca Brasileira de São Paulo –, quem se destaca em um esforço solitário e heroico é Luiz Felipe Miranda, que lança, em 1990, o *Dicionário de cineastas brasileiros*, até hoje um livro fundamental. Seguem-se a *Enciclopédia do cinema brasileiro* (org. Fernão Ramos e Luiz Felipe Miranda, 2000), atualmente em sua terceira edição, e as inestimáveis contribuições de Antônio Leão da Silva Neto, com os dicionários de filmes brasileiros – *Longa metragem* (2002); *Curta e média metragem* (2006) – e o *Dicionário de fotógrafos do cinema brasileiro* (2010).

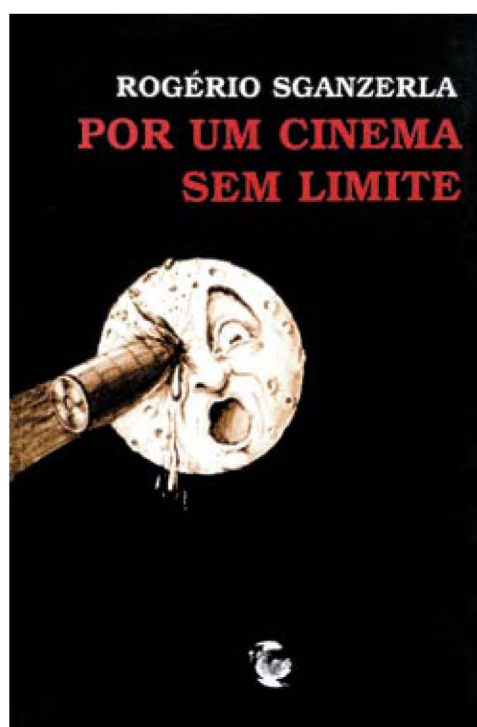
O panorama contemporâneo (pós-1993) vem sendo alvo de constantes investigações por parte dos pesquisadores. O pensamento industrial, as relações entre os cineastas e o Estado, as estratégias de exibição e de distribuição, a legislação e os mecanismos oficiais de incentivo são temas abordados por autores como João Guilherme Barone (*Comunicação e indústria audiovisual*, 2009), Melina Izar Marson (*Cinema e políticas de Estado: da Embrafilme à Ancine*, 2009) e Hadija Chalupe da Silva (*O filme nas telas: a distribuição do cinema nacional*, 2010), os dois últimos títulos pertencentes à coleção Indústria Cinematográfica e Audiovisual Brasileira, coordenada por Alessandra Meleiro. Mais voltados à discussão estética, livros como *Cinema de novo: um balanço crítico da Retomada* (Luiz Zanin Oricchio, 2003), *Cinema brasileiro 1995-2005: ensaios sobre uma década* (org. Daniel Caetano, 2005) e *A utopia no cinema brasileiro: matrizes, nostalgias, distopias* (Lúcia Nagib, 2006), promovem balanços críticos que ambicionam o diagnóstico.

O passado mais recente (anos 1960-80) também é fonte de renovado interesse. O recorte biofilmográfico voltado aos diretores de cinema e à análise de aspectos temáticos, formais e filosóficos de suas obras indicam o duradouro prestígio da teoria de autor entre nós, ainda que, em alguns casos, sobretudo nos ensaios biográficos, ela se equilibre com a tradição da crítica jornalística e a objetividade das pesquisas de campo. As intrincadas relações entre vida, obra e pensamento constituem a base de trabalhos como, entre outros, *Roberto Santos: a hora e vez de um cineasta* (Inimã Simões, 1997); *Maldito - A vida e o cinema de José Mojica Marins* (André Barcinski, 1998); *Olney São Paulo e a peleja do cinema sertanejo* (Angela José, 1999); *O equilíbrio das estrelas: filosofia e imagens no cinema de Walter Hugo Khouri* (Renato Luiz Pucci Jr., 2001); *Walter Lima Júnior: viver cinema* (Carlos Alberto Mattos, 2002); *O documentário de Eduardo Coutinho* (Consuelo Lins, 2004) e *O cineasta celerado: a arte de se ver fora de si no cinema poético de Julio Bressane* (Francisco Elinaldo Teixeira, 2011).

Ainda em relação às biografias, vale destacar a volumosa Coleção Aplauso, da Imprensa Oficial de São Paulo, iniciada em 2004. Em edições bastante acessíveis ao público (até porque estão disponíveis na internet: aplausso.imprensaoficial.com.br), a série oferece um valioso acervo de dados e informações não apenas sobre o cinema brasileiro, mas também sobre o teatro e a televisão; não apenas sobre diretores, mas também atores, atrizes, roteiristas, montadores. Para a Coleção Aplauso já foram biografados nomes como Carlos Reichenbach, Rodolfo Nanni, Isabel Ribeiro, Jorge Loredó, Carla Camurati, Ana Carolina, Jece Valadão, Mauro Alice, Bráulio Pedroso, José Carlos Burle, Glauro Mirko Laurelli, Carlos Coimbra, Vladimir Carvalho, Máximo Barro, Imara Reis, José Marinho, Ivan Cardoso, Jorge Bodanzky, Maurice Capovilla, Lilian Lemmert, Paulo José e Aurora Duarte. A coleção ainda publica roteiros e organiza antologias de críticas, como *Jairo Ferreira: crítica de invenção: os anos do São Paulo Shimbun* (org.: Alessandro Gamo, 2006) e *Críticas de Rubem Bιάfora: a coragem de ser* (Cláudio M. Mota e José Júlio Spiewak, 2006).



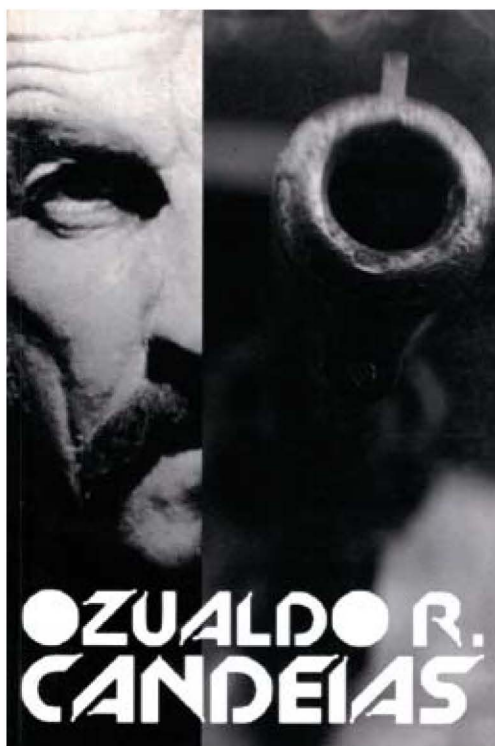
Esses dois trabalhos, aliás, apontam para uma curiosa lacuna: existem poucas coletâneas de crítica cinematográfica, embora a atividade seja no Brasil uma das mais constantes e prolíficas. Ainda assim, essa falha tem sido (timidamente) diminuída com a publicação de livros como *O cinema dos meus olhos* (Vinícius de Moraes / org.: Carlos Augusto Calil, 1991); *Um filme é um filme* (José Lino Grünwald / org.: Ruy Castro, 2001); *Por um cinema sem limites* (Rogério Sganzerla, 2001); *Telégrafo visual* (David E. Neves / org.: Carlos Augusto Calil, 2004); *Um filme por dia* (Moniz Vianna / org.: Ruy Castro, 2004); *Walter da Silveira: o eterno e o efêmero*, quatro volumes (org. José Umberto Dias, 2006); *Olhar crítico: 50 anos de cinema brasileiro* (Ely Azeredo, 2009); *Escritos sobre cinema*, três volumes (André Setaro, 2010) e *Edifício Rogério*, dois volumes (Rogério Sganzerla / org.: Manoel R. de Lima e Sérgio Medeiros, 2010). Mais raros ainda são os livros que tratam da obra e da trajetória dos críticos de cinema: além do já mencionado estudo de Arthur Autran sobre Viany, podem ser destacados *A crônica de cinema no Recife dos anos 50* (Luciana Araújo, 1997) e a biografia *Paulo Emilio no Paraíso* (José Inácio de Melo Souza, 2002).



São vários os temas de interesse que norteiam os pesquisadores; as relações entre cinema, teatro e literatura, por exemplo, resultaram em pelo menos dois livros de peso: *O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, Cinema Novo*, Nelson Rodrigues (Ismail Xavier, 2003) e *O chão da palavra: cinema e literatura no Brasil* (José Carlos Avellar, 2007). Mas uma linha de pesquisa específica foi particularmente bem-sucedida: com o *boom* do documentário nos anos 1990-2000, as editoras se animaram a publicar vários livros sobre o gênero. Francisco Elinaldo Teixeira organizou em 2004 *Documentário no Brasil: tradição e transformação*; uma história geral do documentário (passando pela experiência brasileira) é o objeto de *Espelho partido* (Silvio Da-Rin, 2006); com *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* (2008), Fernão Ramos questiona os usos e significados do termo, atualizando a discussão teórica; em *Documentário nordestino* (2008), Karla Holanda faz um levantamento analítico minucioso da produção regional; o documentário brasileiro contemporâneo é discutido por Consuelo Lins e Cláudia Mesquita em *Filmar o real* (2008); com o olhar mais atento às interseções entre teoria e prática, Sérgio Puccini

aborda o *Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção* (2009); os 15 anos do principal festival de documentários do país são revistos pelo seu fundador, Amir Labaki, em *É tudo cinema* (2010).

Para encerrar este panorama sintético, um dado realmente novo são os “livros-catálogos” que, a partir dos anos 2000, constituirão uma verdadeira alternativa ao mercado editorial. O fenômeno se deve, em parte, ao surgimento de uma nova geração de curadores, alguns dos quais críticos-cinéfilos, atuantes sobretudo na internet, adeptos vorazes do *download* e estreitamente ligados ao universo acadêmico. Através da realização de mostras e retrospectivas em centros culturais (notadamente no circuito Rio-São Paulo-Brasília), esses curadores se associaram a professores dos cursos de cinema, ao movimento cineclubista e a produtores culturais e conseguiram renovar – ou pelo menos arejar – o cenário da “cultura cinematográfica” contemporânea. É evidente que isso também desembocou em um outro tipo de institucionalização. Apesar de pouco atraente em termos financeiros, a produção de mostras e



catálogos tornou-se um segmento disputado no mercado de trabalho, sobretudo por seu caráter de prestígio cultural, dando às vezes margem a oportunismos como em qualquer outro setor.

Contudo, é preciso reconhecer a importância desse empenho: muitos desses “livros-catálogos” constituem abordagens únicas de temas, personalidades ou filmografias (Retrospectiva Ozualdo Candeias – 80 anos, 2002; Luz em Movimento: A Fotografia no Cinema Brasileiro, 2007; Homenagem a Mario Carneiro, 2007; Hipólito Collomb, Lazlo Meitner e Ruy Costa: Cenógrafos de Cinema, 2007; Navalha na Tela: Plínio Marcos e o Cinema Brasileiro, 2008; Homenagem a Hélio Silva, 2009; Leopoldo Serran: Escrevendo Imagens, 2012 e Os Múltiplos Lugares de Roberto Farias, 2012). Reunindo críticos de gerações diferentes, essas publicações revisitam temas “clássicos” (Cinema Marginal Brasileiro e suas Fronteiras, 2001; Miragens do Sertão, 2003; Cinédia 75 Anos, 2006; Olhares Neo-realistas, 2007; Retomando a Questão da Indústria Cinematográfica Brasileira, 2009; Cineastas e Imagens do Povo, 2010) e rediscutem questões ligadas ao cinema brasileiro recente, contribuindo para o levantamento de informações (Cinema Brasileiro Anos 90: 9 Questões, 2001; Cinema brasileiro Anos 2000: 10 Questões, 2011; Cinema de Garagem, 2012). E mesmo quando o foco são filmografias e cineastas estrangeiros consagrados, seus organizadores incentivam a produção de novas “fortunas críticas” (Agnès Varda: o Movimento Perpétuo do Olhar, 2006; Retrospectiva Alain Resnais, 2008; A Elegância de Woody Allen, 2009; Hou Hsiao-Hsien e o Cinema de Memórias Fragmentadas, 2011; O Cinema é Nicholas Ray, 2011; Luc Moullet – Cinema de Contrabando, 2011).

A tiragem limitada desses “livros-catálogos” e a circulação restrita a que estão naturalmente destinados (quando não disponibilizados na internet) são dois outros elementos que concorrem para transformar tais publicações – especialmente as pioneiras – em peças raras. Estas provavelmente serão vistas e tidas como “tesouros de cinemateca” por futuros pesquisadores. ■